

Atena
Editora
2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidades: Diferentes, não Desiguais 3



Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 3 /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-092-6

DOI 10.22533/at.ed.926190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE – NARRATIVAS QUE ROMPEM COM AS FRONTEIRAS DA IDENTIDADE	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9261905021	
CAPÍTULO 2	14
COMUNIDADE QUILOMBOLA CONTENTE: TRAÇOS DA MEMÓRIA	
Francisca das Chagas da Silva Alves Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.9261905022	
CAPÍTULO 3	25
DO CANDOMBLÉ ÀS CIÊNCIAS MÉDICAS: CUIDADO, CURA E EDUCAÇÃO MÉDICA SUSTENTÁVEL	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes Regina Moraes da Silva Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.9261905023	
CAPÍTULO 4	34
ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: RACISMO E SEXUALIDADE EM ANJO NEGRO DE NELSON RODRIGUES	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9261905024	
CAPÍTULO 5	45
FRUIÇÃO E MAGIA: DO SILENCIAMENTO À VISIBILIDADE NEGRA NA LEITURA DE LIVROS DE LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Sara da Silva Pereira Vanessa de Senia Monteiro Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.9261905025	
CAPÍTULO 6	55
MÍDIA E NEGRITUDE: O USO DOS FILMES NA (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS	
Izaque Pereira de Souza Teresa Kazuko Teruya Wellington Junior Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.9261905026	
CAPÍTULO 7	67
O RISO E O LÚDICO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRO NOS POEMAS SATÍRICOS DE LUIZ GAMA	
Josineide Carvalho Costa Herasmo Braga de Oliveira Brito	
DOI 10.22533/at.ed.9261905027	

CAPÍTULO 8 79

PRECONCEITO RACIAL VIVENCIADO PELA PERSONAGEM CLARA DOS ANJOS NO ROMANCE HOMÔNIMO DE LIMA BARRETO

[Leonice Rosa da Cunha Abreu](#)

[Zenaide Lima de Sousa](#)

[Elio Ferreira Souza](#)

DOI 10.22533/at.ed.9261905028

CAPÍTULO 9 82

RELAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL: DO COMÉRCIO ESCRAVISTA DO SÉCULO XVIII AO COMÉRCIO SOLIDÁRIO DO SÉCULO XXI

[João Batista Romualdo Alves](#)

DOI 10.22533/at.ed.9261905029

CAPÍTULO 10 87

UMA ÁFRICA VIVA EM SALA DE AULA: OFICINAS DE AFROSABERES

[Hinara Dias Juca](#)

[Leididaiane Inácio de Sá](#)

[Ana Técia de Lima](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050210

CAPÍTULO 11 95

VIDA E MORTE QUILOMBOLA

[Adelmir Fiabani](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050211

CAPÍTULO 12 109

LA LECTURA INMAGÉTICA VIRTUAL IDEOLÓGICA Y GLOBALIZADA DE ÁFRICA

[Sérgio Rodrigues de Souza](#)

[Liliane Rodrigues de Araújo](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050212

CAPÍTULO 13 116

VISÕES CRÍTICAS SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA COM BASE NAS AÇÕES AFIRMATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

[Cláudio José Araújo Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050213

CAPÍTULO 14 124

CORPOS DEFICIENTES E DIFERENTES: DISCURSO SOBRE A DIVERSIDADE E A POLÍTICA DE INCLUSÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

[Terezinha Richartz](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050214

CAPÍTULO 15 133

HISTÓRIA, AÇÕES E REPERCUSSÕES DO PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA

[Deyse Morgana das Neves Correia](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050215

CAPÍTULO 16	147
INTERFACES DAS PRÁTICAS DOCENTES COM A LEI 10.639/2003 NO IFCE/CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE	
Maria Virilândia de Moura Luz Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira Rosilêa Agostinha de Araújo Marcus Vinicius de Oliveira Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.92619050216	
CAPÍTULO 17	157
NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: COMO A ESCOLA CONTEMPORÂNEA LIDA COM ISSO	
Angela Maria Venturini Emília Naura Santos Bouzada Alexandra Sudário Galvão Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050217	
CAPÍTULO 18	167
NOTAS PARA O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DOCENTE	
Patrícia Fernanda da Costa Santos Luciélío Marinho da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.92619050218	
CAPÍTULO 19	182
O JOGO MANCALA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA UMA ABORDAGEM EM HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Denise Aparecida Enes Ribeiro José Augusto Pereira Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050219	
CAPÍTULO 20	189
PROJETO PEDAGÓGICO, CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DE ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA	
Daniele De Souza Farias	
DOI 10.22533/at.ed.92619050220	
CAPÍTULO 21	203
O CORPO NA EXPOSIÇÃO “BOSQUE” DE VELICASTELO	
Guilhermina Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050221	
CAPÍTULO 22	212
LEITURAS DO CORPO EM TRÊS OBRAS DE HELONEIDA STUDART	
Juliana Braga Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050222	
CAPÍTULO 23	222
MÍDIA E POLÍTICA: A LEGITIMAÇÃO DO SEXISMO	
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves Joselito Santos Tatiana Cristina Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050223	

CAPÍTULO 24	228
A EXTENSÃO COMO POTENCIALIDADE NA DES/CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS	
Cláudio Orlando Gamarano Cabral	
Marilda de Paula Pedrosa	
Michele Priscila Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050224	
CAPÍTULO 25	234
“NOVO MUNDO”: ENTRE A CARICATURA E A VEROSSIMILHANÇA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050225	
CAPÍTULO 26	244
ESTÉTICA DA DISSIMULAÇÃO: A ESTÉTICA PERIFÉRICA DE MACHADO DE ASSIS	
Natalino da Silva de Oliveira	
Joelma de Fátima da Costa Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050226	
CAPÍTULO 27	254
LUTA E RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE JOÃO NERY: [TRANS]PASSANDO A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	
Rafaela Costa de Azevedo	
Michelly Pereira de Sousa Cordão	
DOI 10.22533/at.ed.92619050227	
CAPÍTULO 28	267
O ABC DE PATATIVA DO ASSARÉ ENSINANDO SOBRE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO NORDESTE FLAGELADO	
Eduarda Maria Moreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050228	
CAPÍTULO 29	277
NO SEU PESCOÇO, UMA ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Solange Maria Morais Teles	
Rebeca de Alcântara e Silva Meijer	
Antonia Leda Morais de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.92619050229	
CAPÍTULO 30	285
IDENTIDADES AO LÉO: UMA LEITURA DE “PONCIÁ VICÊNCIO” E DE “O VENDEDOR DE PASSADOS”	
Leonardo Gomes de Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Fernanda Soares Wenceslau	
DOI 10.22533/at.ed.92619050230	
SOBRE A ORGANIZADORA	293

RELAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL: DO COMÉRCIO ESCRAVISTA DO SÉCULO XVIII AO COMÉRCIO SOLIDÁRIO DO SÉCULO XXI

João Batista Romualdo Alves

Licenciado em Letras-Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), especialista em literatura e história afro-brasileira e africana (UESPI), mestre em letras (UESPI).
E-mail- joaoromualdo@hotmail.com

RESUMO: Busca-se neste trabalho o percurso das relações sociais denunciadas por Machado de Assis em *Pai contra mãe* e o reflexo dessas relações na sociedade do século XXI denunciadas na obra fílmica *Quanto vale ou é por quilo?* dirigida por Sérgio Bianchi, um diálogo que revela o olhar crítico do contista sobre o comércio de escravos na sociedade do século XVIII, e a denúncia de instituições que se aproveitam da vulnerabilidade da sociedade marginalizada na era da democracia.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema. Literatura. Escravidão.

INTRODUÇÃO

A história oficial do Brasil tem maquiado alguns fatos considerados de fundamental importância para a compreensão da sociedade construída no país, desde os seus primeiros registros escritos com a chegada dos europeus, até a situação atual de desconforto percebida com os abismos sociais que separam as classes

formadoras da sociedade moderna. Nesse sentido, voltamos aos registros de denúncia presentes no conto *Pai contra mãe* de Machado de Assis, até a filmografia de Sérgio Bianchi em *Quanto vale ou é por quilo*, dois olhares que marcam épocas e contextos sociais diferentes com consequências semelhantes, resultando na falta de liberdade e na coisidade do ser humano, principalmente, pela marginalização resultante das disputas de poder. Bianchi faz uma análise com caráter de denúncia, às instituições sociais fundadas para combater a pobreza, porém, seus gestores usam-nas para benefício próprio. Machado de Assis mostra o comércio de escravos daquela sociedade em que o poder material favorecia o crescimento econômico de senhores por meio da compra e venda de escravos vindos principalmente da África.

Na época da escravidão, buscaremos compreender como se davam as relações sociais entre escravos e senhores, pela voz dada aos escravos nas personagens de Machado de Assis e, na época da democracia, compreender a situação de marginalidade vivida por comunidades alheias às condições de igualdade pretendidas pelo sistema político vigente através da representação artística do filme *Quanto vale ou é por quilo?* de Sérgio

Bianchi. Duas histórias separadas por mais de dois séculos e unidas por um jogo de interesses baseado na atividade lucrativa do comércio e nos valores individuais da elite.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA NARRATIVA PRESENTE EM *PAI CONTRA MÃE* DE MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis inicia o conto apresentando a maneira torturante com que eram tratados os escravos e já anunciando a atividade lucrativa para o comércio com o tal regime, e na denúncia do narrador, compreende-se a cumplicidade da sociedade com o comércio predominante, pois como se infere no trecho a seguir “tais atitudes de crueldade eram necessárias para manter a ordem humana e social, assim como corrigir os erros dos escravos”.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, o outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com o que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras. (ASSIS, 1997)

Com sua linguagem registrada, de marcar a narrativa com o discurso irônico, Machado apresenta as personagens, bem como o desenrolar da narração a partir das fugas de escravos na tentativa de escapar e de rejeitar o sistema escravocrata de então: “Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada”, assim, Machado mostra um ato de inconformismo dos escravos e uma luta pela liberdade por meio da reação do escravo, uma atitude que a história oficial não revelou com profundidade sobre o escravo enquanto sujeito que lutava contra aquele sistema. E é nessa ocasião em que surge Cândido Neves, o “Candinho”, que na iminência de ser pai, vê na captura dos escravos fugidos, uma oportunidade para ganhar dinheiro e criar seu filho, mesmo que para isso saia à captura de uma escrava fugida, grávida e que por muito ser espancada na captura, aborta seu filho. Daí o entendimento do título “pai contra mãe”, Candinho enquanto pai, ignora a condição de mãe da escrava que muito queria seu filho e, por força das circunstâncias que levaram Cândido Neves a capturá-la, este (pai) vira-se contra aquela (mãe).

Feitas as considerações gerais da narrativa do conto, apresentemos as personagens que tecem a trama da narrativa.

Cândido Neves (Candinho) – depois de passar por vários ofícios, pois este tinha

uma séria dificuldade de se manter no emprego, torna-se capitão do mato, caçador de escravos fugidos; com o desejo de conseguir dinheiro para criar seu filho, prestes a ser entregue a rodas dos enjeitados.

Clara – órfã, mora com uma tia, cosia com ela e tornou-se esposa de Cândido Neves.

Mônica – tia de Clara, trabalha para o sustento da sobrinha e, com o casamento desta, também se preocupa com o marido (Candinho), conselheira do recém-casal, inclusive para entregar a criança à roda dos enjeitados.

Arminda – escrava fugida, capturada por Cândido Neves, dando assim condições por meio da recompensa que ele receberia para criar o filho dele, e ao mesmo tempo, perderia seu filho pelos maus tratos sofridos na captura.

Como uma volta à expressão inicial, Machado finaliza a narrativa reforçando e esclarecendo a mensagem inicial proposta pelo título “Pai contra mãe” esse episódio é marcado pela ação vitoriosa do pai. Finaliza-se a narrativa: “Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto. - *Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração*”.

REFLEXOS DA ESCRAVIDÃO NO SÉCULO XXI REPRESENTADOS NA OBRA FÍLMICA QUANTO VALE OU É POR QUILO? DE SÉRGIO BIANCHI

Dirigido por Sérgio Bianchi, o filme *Quanto vale ou é por quilo?*, faz um retrato das relações sociais do século XXI por meio de suas mazelas, situações de miséria e enriquecimento ilícito de gestores das instituições fundadas para dar auxílio às comunidades carentes e amenizar as discrepâncias sociais da modernidade. Para isso, o diretor vai intercalando na filmografia cenas do comércio de escravos no século XVIII, uma adaptação livre do conto *Pai contra mãe* de Machado de Assis; neste, comentado anteriormente, vimos um drama vivido por uma escrava fugida que acaba abortando seu filho depois de ter sido capturada por Cândido Neves que se tornara capitão do mato com intuito de conseguir dinheiro e assim, poder criar o filho.

No filme, iniciado por uma cena de captura de escravos, na voz do narrador, que indica o período em que ocorreu e a origem do escravo, sendo este pertencente à escrava alforriada Joana Maria da Conceição, que se sentindo roubada junta seus vizinhos para cobrar explicações do mandante da expedição; ela foi condenada por ter infringido a ordem e a paz social condenada a pagar quinze mil réis de fiança e em seguida, o narrador fala sobre os instrumentos utilizados pelos senhores para manter a ordem e castigar os escravos que se mostravam contra o regime; a máscara de flandres e o tronco são detalhadamente representados pelas imagens do filme como também aparece na descrição do conto de Machado de Assis. Segue em-se as cenas de um aniversário na periferia contrastando com uma propaganda de uma instituição de caridade “Sorriso de Criança”, um jogo de marketing para se conseguir dinheiro para a instituição. A propaganda feita para tal fim, marca com o *flash* das

fotografias um diálogo com as representações entre senhor e escravo mostrado no início com a fotografia de Joana Maria da Conceição e seus escravos. No século XVIII, mostra-se uma disputa entre os senhores pelos escravos fugidos e no século em curso, uma disputa entre as instituições de caridade, chamadas de terceiro setor, pelo território de atuação nas ruas, para ajudar os moradores de rua e aqueles que vivem em situação de miséria. Uma crítica dura do diretor, como assim fez o escritor do conto do século *Pai contra mãe*.

Durante todo o filme há um entrelaçamento entre as narrativas do período da escravidão com os problemas sociais dos dias atuais, como o dilema da escrava Lucrécia que há muito trabalhava para um senhor que havia estipulado o preço de sua liberdade em trinta e quatro mil réis; Maria Antônia, uma mulher de negócios, propôs a Lucrécia sua compra e esta trabalharia para Maria Antônia, negócio que no final de três anos lhe rendeu um lucro de 8.238 (oito mil duzentos e trinta e oito réis). Nos dias atuais, Mônica, para bancar com a festa de casamento da sobrinha, faz um empréstimo à sua patroa e para pagar tal empréstimo trabalharia um ano integralmente. E assim, se faz uma amostra das relações entre escravo e senhor, naquele período, e, patrão e empregado, nos dias de hoje.

Merece destaque também, a denúncia feita pelo filme, dos presídios brasileiros, que na voz do personagem de Lázaro Ramos, faz-se uma comparação com o navio negreiro, com ressalvas; cuja viagem durava dois meses e transportava escravos destinados aos seus donos; a prisão não tinha tempo determinado, saía de lá quem pagava ou fugia, também uma semelhança à maneira vivida pelos escravos que, para conseguir sua liberdade, tinham que pagar ou fugir.

A prisão é o único lugar onde o poder pode se manifestar em estado puro em suas dimensões mais excessivas e se justificar como poder moral. “Tenho razão em punir pois vocês sabem que é desonesto roubar, matar...” O que é fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara cinicamente, se mostra como tirania levada aos mais ínfimos detalhes, e, ao mesmo tempo, é puro, é inteiramente “justificado”, visto que pode inteiramente se formular no interior de uma moral que serve de adorno a seu exercício: sua tirania brutal aparece então como dominação serena do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem (FOUCAULT, 1979:73).

O ponto alto do filme se dá quando Arminda denuncia uma fraude da “Stiner” que monta uma central de informática na periferia. Lavagem de dinheiro, superfaturamento e outros, fazem Arminda sair do emprego e fazer uma denúncia que causou a sua morte no final do filme, ou melhor, um dos dois finais propostos pelo diretor. No primeiro, Candinho é contratado por Ricardo para matá-la, Cândido tornara-se matador de aluguel para conseguir dinheiro para manter a família (Monica, Clara e seu filho que acabara de nascer); o segundo final proposto é encenado com uma reação de Arminda na iminência da morte, ela propõe que Candinho a deixe viva e juntos roubariam todo dinheiro de Ricardo e montariam uma central de sequestro para acabar com todos os corruptos e ladrões que roubam o dinheiro do estado.

A trama encenada no filme está intimamente envolvida, relacionada com a trama do conto *Pai contra mãe* de Machado de Assis, a escrava alforriada que mantém em sua posse escravos para cuidar de sua propriedade; a tia Mônica do filme, empregada que sonha em fundar seu próprio negócio, subordinada na empresa que trabalha e patroa de uma criança negra fazendo-a de serviçal; os senhores de escravos que negociam entre si suas “mercadorias” visando o lucro; e, o terceiro setor dos tempos atuais, investindo no marketing das instituições para sensibilizar seus patrocinadores, e assim, conseguir recursos para dar assistência às comunidades carentes (plano não executado pela visão de lucro que seus gestores possuem). Desse modo, muito do enredo presente no conto, encontra-se também no filme, inclusive nos dramas vividos por Arminda (escrava) e Arminda (funcionária), Candinho (capitão do mato) e Candinho (matador de aluguel). É, no entanto, uma adaptação sábia e reveladora que denuncia um dos sérios problemas formadores da desigualdade social de hoje, como era também na sociedade escravista, apesar de se fazer uso de outras táticas como o comércio de seres humanos.

Há muito que a arte cinematográfica vem “conversando” com a arte literária e vice-versa, duas artes que trabalham com elementos distintos, porém, com objetivos semelhantes de representar, refletir e questionar os tempos e os espaços vivenciados pela humanidade. Mas, mesmo caminhando juntas, não se pode condenar ou valorizar uma em detrimento da outra pela ausência ou não de fidelidade entre ambas, pois, como dito antes, cada uma, mesmo bebendo da mesma fonte, faz uso de elementos próprios, com uma maneira toda especial de construí-la; logo, percebemos nas obras em estudo um painel da sociedade de cada época com problemas de vida semelhantes, mais especificamente nas relações entre as classes que estratificam a sociedade.

Fica para reflexão a crítica das obras que partindo do título, traz um teor de significados que refletem o sistema que rege a vida dos cidadãos do Brasil desde o colonialismo (escravidão como regime legal) até a democracia (liberdade acima de tudo). Afinal, como entender uma sociedade marcada pela história de um pai contra mãe e uma sociedade que busca a resposta para a pergunta: Quanto vale ou é por quilo?

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Pai contra mãe**. In: _____. **Relíquias da casa velha**. São Paulo: Globo, 1997, p. 03-14.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

QUANTO VALE ou é por quilo? Direção: Sérgio Bianchi. Rio de Janeiro: Agravo Produções Cinematográficas, Riofilme, 2005. 1 DVD (95 minutos).

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-092-6

